

COMPARAÇÕES DO LINGUAJAR DIÁRIO DO GAÚCHO

Walter Spalding

Os anexins e provérbios de uma nação são descrições lacônicas dos seus costumes e modos de pensar: o modo de rir, de mofar, de conversar, é uma pintura dos traços mais verdadeiros do caráter nacional para quem tem olhos e a judicatura.

José Bonifácio (o velho)

Uma das peculiaridades do homem do campo — tropeiro, peão de estância, agricultor ou simples tipo gaudério ou haragano — é a das comparações como parte integrante de seu linguajar. É difícil encontrar-se pelo interior do Rio Grande do Sul outro modo de expressão. A comparação está sempre presente, produto de seu espírito atilado de observador. É o curioso é que nenhuma das expressões-frases-feitas que andam de bôca em bôca, deixa de ser perfeita e, não raro, profunda e filosófica.

É bem verdade que muitas delas, à primeira vista, e para quem não conhece o gaúcho e ignora a vida do campo, são obscuras. Mas, examinadas à luz da crítica e da razão dentro da vida do homem, seja qual fôr sua atividade, o significado é sempre claro, profundo, preciso, confortador ou mordaz, consolador ou ferino, maldoso, escatológico e até pornográfico como êste, por exemplo: “Chinoca buena que nem mingau quente: só pelas beiras...”

Certa ocasião, em viagem pelo interior, chegamos ao rancho limpo e bem cuidado (pelo menos no momento) de um preto de mais de sessenta anos. Estava à porta, bem trajado e risonho. Saudamo-lo e perguntamos:

— Como le vai, amigo?

— Contento que nem porco na **imundice**... — respondeu olhando para um cercado distante cêrca de cem metros da casa, no qual meia dúzia de porcos chafurdavam, rabinho em movimento, ronronando satisfeitos, num lodaçal incrível. Compreendemos logo que estava feliz e alegre como aquêles suínos em seu elemento... sujo. É que, disse-nos depois, es-

tava esperando a filha casada, o genro e dois netos. A filha era professora municipal, rural, enquanto êle que tudo fizera para educar" o fruto que a finada que Deus tenha" lhe dera, era analfabeto!

O tino observador, profundo, sugeriu ao preto velho aquela comparação que nos parece ter sido criação dêle, no momento, pois não mais a ouvimos por êste Rio Grande do Sul a fora.

Quanto ao espírito observador do homem do campo e da lavoura, sobretudo do campo, as minúcias chegam a impressionar. Veja-se, por exemplo, esta comparação: "dar mais voltas que bolacha em bôca de velha".

Talvez nem todos consigam apanhar de imediato a ironia, a maldade contida nessa comparação empregada para sujeitos que fazem rodeios e mais rodeios para chegar onde querem, ou se desviam do caminho, dando voltas e mais voltas para fugir a um encontro, da perseguição da polícia ou do inimigo que o aguarda ou espreita.

Entretanto, observe-se uma senhora idosa, sem dentes, com um biscoito na bôca, ou melhor, com um pedaço de bolacha dessas duríssimas, usadas na campanha. Não mastiga por não poder. Por isso anda com a bolacha de um lado para outro da bôca, chupando-a, até que amoleça e se desmanche. E quanto tempo levou essa operação! E quantas voltas deu a bolacha até desfazer-se!

Note-se, ainda, que essas comparações, embora empregadas, na sua maioria em todo o Estado do Rio Grande do Sul, variam na forma, sobretudo no elemento comparativo "que nem" e "como". Nesta coleta nós as mencionamos com a forma inicial da colheita, sem referir as variantes, a não ser em casos excepcionais quando acrescidas de outras palavras que as tornam mais precisas ou com falta de palavras que as tornam mais concisas ou menos claras.

O estudo destas comparações é, em verdade, apaixonante. Quantas e quantas vêzes temos que "fazer mais força que vaca atolada" para chegarmos ao sentido exato da frase!

Esta mesmo, que acabamos de citar, possui diversas interpretações: 1) lutar com grandes dificuldades; 2) estar, involuntariamente, metido em complicações; 3) ter assumido atitudes perigosas, e 4) ter encontrado barreiras intransponíveis, como negócios mal feitos que o "atolaram" financeiramente, deixando-o em situação precária.

São inumeráveis as comparações-frases-feitas no linguajar diário do gaúcho. Poucas, entretanto, foram recolhidas e explicadas. Encontramos algumas em J. Simões Lopes Neto

(Cancioneiro Guasca), em Roque Callage (Vocabulário Gaúcho), Vitor Russomano (Adagiário Gaúcho) e, ainda, dispersas, na obra de alguns de nossos regionalistas, prosadores e poetas, de Alcides Maia a Cyro Martins e Natálio Herlein, de Amaro Juvenal a Aureliano de Figueiredo Pinto, Zeca Blau, Balbino Marques da Rocha, Aparício Silva Rillo e Jayme Caetano Braun. Ainda existem algumas, explicadas, no Adagiário Gauchesco **Bruaca**, de Sylvio da Cunha Echenique.

Dentre as duas centenas, mais ou menos, que recolhemos, afora as recolhidas por outros, aqui apresentamos pequena parte, a maioria delas usadas em quase todo o Rio Grande do Sul.

Aos estudiosos do folclore lingüístico consagramos o presente trabalho, na certeza de que encontrarão grandes riquezas e grandes belezas nesse modo de falar do gaúcho brasileiro, do filho desta gleba linda e buena — o Rio Grande do Sul

///

A voz, a atitude, a criação plástica dos povos, sobrevivem em cada coração, tal como a onda que se repete indefinidamente noutra onda do mesmo eterno mar.

Ismael Moya

Brabo que nem lagarto (dizem, no geral, "largato") **melando** (Melar: tirar mel; colhêr mel) — O lagarto, quando está melando é furioso, ou parece furioso. É que, para não ser atingido pelas vespas, corre, pula e dá com a cauda a torto e a direito. Quando o lagarto encontra a "lixiguana" (*chantengus brasiliensis*) que faz sua colmeia em fôlhas de árvores e arbustos junto ao chão, ou em fôlhas de ervas rasteiras, investe contra ela, dando com a cauda no ninho e foge aos pulos e rabanadas para que a vespa não o pique. O mel que esta vespa produz é bastante agradável e para colhê-lo é fácil: basta sacudir, com longa vara o galho da planta em que está a colmeia, pois as vespas saem tôdas, abandonando o favo por completo. Duas ou três tocadas são suficientes para que elas desapareçam. Pode-se, então, colhêr, calmamente e sem perigo, o mel. Mas sempre é bom acautelar-se que é perigoso **colhêr lixiguana sem poncho**... É o que faz o lagarto: dá duas ou três rabanadas na planta e foge. De longe, cuida. Quando as vespas desapareceram tôdas, vai, calmamente, sugar o néctar. Dizem que êle também mela nos cortiços da "iramirim" ou simplesmente "mirim" que faz sua colmeia em buracos, no chão. Essa "iramirim" fornece mel de ótima qualidade, sendo muito comum na região mis-

sioneira do Rio Grande do Sul. Aplica-se a comparação ao animal ou ser humano que se finge de valente, que ameaça céus e terras, mas que afinal nada faz; e, ainda, aos que se fingem de brabos para aproveitar-se da situação: "brabos que nem lagarto melando"...

Furado que nem casca de melancia em galinheiro — Diz-se de roupa rasgada, com furos; pala ou poncho furado por balas ou traças. De pessoa bexigosa (que tem muita marca de varíola no rosto). Também de quem, em guerra ou revolução foi ferido muitas vezes: "está com o corpo furado que nem casca de melancia em galinheiro, de tanta bala e pontação!"

Saltando que nem pipoca em frigideira — Diz-se de pessoa que costuma fugir de tudo, mesmo aos menores compromissos, e que para tudo encontra uma desculpa. Igualmente ao preguiçoso para o qual tudo é difícil.

Firme que nem moirão de canto de mangueira — O moirão de canto é sempre muito bem cravado e, além disso, escorado. Diz-se de pessoas de caráter, de vontade firme e decidida, de saúde perfeita. Também de animais, sobretudo cavalo de corrida, e de coisas bem feitas ou difíceis de ruir.

Frouxo que nem palanque em banhado — Diz justamente o contrário da comparação anterior, pois palanque cravado em banhado sempre oscila e não apresenta firmeza alguma. Simboliza em particular o medroso e o homem de caráter dúbio, que varia conforme as situações.

Abichornado que nem viúvo que se deu bem em casado (Abichornado: triste) — Diz-se das pessoas ou animais de aspeto tristonho; de pessoas de pouca conversa ou que não demonstram interesse por coisa alguma. Pessoa desiludida, real ou aparentemente.

Mal agradecido como viúvo que casa logo — Quando alguém esquece com presteza algum benefício, algum favor e, quando possui algo de bom, oferece a outrem e não àquele a quem deve obrigações, não há dúvida: é mal agradecido como viúvo que casa logo (e — acrescentam alguns — foi feliz no casamento).

Magro que nem cusco de carreteiro — O cão de carreteiro sempre é magro por que falta ao carreteiro o essencial para o gaúcho: a carne para churrasco. O carreteiro geralmente come feijão com charque e arroz com charque, o famoso e saborosíssimo "arroz de carreteiro". Naturalmente o cão, comendo pouco e andando muito, emagrece. Diz-se de pessoa ou animal fraco, ou excessivamente magro. Também de festa sem fartura.

Gorducho que nem bexiga de graxa — A bexiga era, outrora, depois de sêca e limpa, o recipiente da graxa bovina para exportação ou venda nos armazéns ou mercearias. Aplica-se às pessoas ou animais excessivamente gordos.

Sem-vergonha como petição de piá — **Safado que nem petição de guri** — Petição: cavalo pequeno, anão, geralmente domado e amestrado para uso de crianças. Pônei. Tais petições criam baldas e só obedecem ao dono, ou tornam-se tão mansos que até em casa são capazes de entrar, acompanhando o piá, o guri. E só este, no geral, o pode agarrar e montar. Há petições com os quais a criança faz o que entende, sem que ele reaja. Entretanto, montando um adulto, corcoveia, tenta morder ou empaca que nem burro teimoso, empacador. Diz-se de pessoa intrometida ou de maus costumes ou, ainda, de pessoa baldosa, isto é, maneirosa. Como certos políticos: mansos para com seus "donos", os maiorais do momento; maus para os humildes ou contrários.

Caído que nem orelha de perdigueiro — Diz-se tanto de pessoas aleijadas, rengas, como de bêbados ou de pessoas fortemente apaixonadas, por inclinação amorosa ou política.

Louco que nem galinha agarrada pelo rabo — Galinha agarrada pelo rabo, salta, cacareja, bate as asas furiosamente. — Diz-se de pessoas espinoteadas, sem juízo ou levianas demais. Também de cavalo cheio de baldas.

Cheiroso que nem zorrilho (Zorrilho: *Mephitis suffocans* Licht) — Referência ao mau cheiro que esse animal quadrúpede expele. Tem sentido pejorativo e aplica-se a seres e coisas de aroma desagradável, e também aos que se perfumam demais.

Curto que nem alegria de pobre — Alegria de pobre dura pouco, dizem. Por isso quando alguma coisa boa tem pouca duração, inclusive festas de poucas horas, é "curta como alegria de pobre".

Ser mais conhecido que ás de baralho de bolicho — Os ás dos baralhos com que jogam nos bolichos, de tão sovados e marcados, são sempre conhecidos. Aplica-se às pessoas cujos vícios são muito divulgados. Também às pessoas muito conhecidas, populares. Igualmente aos animais, principalmente cavalos de corrida.

Conhecido que nem parteira de campanha — O mesmo significado acima. No campo, nas cidades pequenas e povoadas, a parteira, "comadre" como a denominam, é popularíssima e todos sabem onde reside.

Grosso que nem garrão de negro — O negro, peão de estância, por quase sempre estar descalço tem a sola do calca-

nhar (garrão) duríssima, grossa. Diz-se das pessoas de pouca cultura, de pouco trato social, mal educadas, grosseiras, enfim. Aplicam-se no mesmo sentido: **Grosso que nem toro de pinheiro**, **Grosso como uma tora** e **Grosso como cabeça de tronqueira**. Toros ou toras: os troncos grossos dos pinheiros destinados às serrarias para confecção de tábuas. Tronqueira: poste que forma o batente de um e outro lado da porteira. Estes postes, as tronqueiras, sempre são de madeira de lei e preparados especialmente, terminando, no geral, com uma cabeça falquejada, grossa e redonda. É esta a "cabeça da tronqueira". Esta última comparação também é aplicada aos seres inchados e, em particular, a membros inchados por qualquer circunstância, por exemplo, um dedo destroncado fica "grosso como cabeça de tronqueira".

Solfejando que nem quero-quero no estrado da quebrada — O quero-quero, nas quebradas (voltas das estradas e depressões do terreno) costuma soltar pequenos gritos como que ensaiando. Diz o gaúcho que esses sons são exercícios para o grande grito de alerta quando levanta o vôo. Diz-se de quem se ensaia para alguma cousa, especialmente para o canto ou para a música, violão ou gaita, e também do cavalo quando cabeceia de faceiro.

Mais abelhudo que quero-quero (Abelhudo, no sentido de envolver-se com a vida alheia) — O quero-quero solta seu grito de alarma ao mínimo ruído estranho que nota, avisando os companheiros. Nada lhe escapa, fora do normal, em seus domínios. Nas guerras e revoluções gaúchas, era o denunciador constante. Acampada uma fôrça, com ela se acostumava logo, se não fôsse perseguido. Mas logo que outra se aproximasse, denunciava-a. Era o melhor sentinela: quero-quero está gritando (ou cantando), alguma cousa está vendo... Aplica-se às pessoas que não sabem guardar segredo, que tudo revelam e repetem quanto ouvem, envolvendo-se na vida alheia. Profissionais do leva-e-traz...

Cortando que nem língua de comadre — Refere-se aos faladores, linguarudos, os "lingüinha de prata". Usa-se no sentido real e no figurado, como para indicar que a faca está bem afiada: corta que nem língua de comadre! O mesmo significado tem esta outra: **Afiado que nem língua de comadre em fandango**, por que é nos bailes que as "comadres" (aqui e acima tomadas no sentido de senhoras idosas, casadas, viúvas ou solteironas) mais exercitam sua língua abelhuda, pois, não dançando, só podem... falar da vida alheia.

Parado que nem água de poço — Diz-se do indivíduo ou sociedade que não tem atividade. Pessoa sem iniciativa. Mo-

dorra política. Animais que param em certos pontos, quietos como que abatidos pelo calor, frio ou cansaço: a tropilha ou a boiada ficou parada que nem água de poço.

Fino que nem cabelo de porco — Expressão irônica, pois o cabelo de porco, a cerda, é grosso e duro. Diz-se de pessoa grosseira que quer aparentar delicadeza, e também de objetos fabricados grosseiramente, especialmente dos trançados. Já ouvimos empregar a comparação com referência à pele de certa môça, que fôra maltratada pela variola. Irônicamente, aos grosseiros.

Fino como focinho de galgo — Aplica-se pejorativamente, como na expressão anterior, mas especialmente com referência a tudo que é fino no sentido físico ou específico, ou de pessoas muito delgadas e de rosto muito comprido e magro. Irônicamente, às pessoas pouco delicadas, e às de rosto grosso.

Rengueando que nem cusco lastimado — Emprega-se no sentido exato com relação a pessoas, cavalos ou bois; e no figurado especialmente a pessoas de vida duvidosa: Fulano anda com a consciência rengueando que nem cusco lastimado...

Incômodo que nem pulga em fundilho... — É claro! E pior ainda quando se não pode dar uma coçadinha para afugentar a malvada... Assim são, também, certas situações, certos indivíduos, e certas posições em que a gente se mete por imprudência ou... imprevidência. As vêzes até por ambição. Coisas da vida... incômodas que nem pulga em fundilho.

Casamento é como fumo em rama: a primeira volta é boa; o resto se fuma pra não botar fora — Filosofia do casamento... Diz-se também de coisas que começam bem mas terminam desgostando, ou mal. Mas o emprêgo mais generalizado é mesmo sôbre o casamento, principalmente como aviso aos que se preparam para casar.

Aceso que nem candieiro em noite de baile — Candieiro em noite de baile é sempre bem alimentado para não apagar. Diz-se de pessoas espevitadas, metidças, que de tudo querem dar fé. É muito aplicado às môças "mui apresentadas" e sirigaitas. Também se aplica ao cavalo muito faceiro ou bem preparado para carreiras.

Desconfiado como cavalo torto em porteira — Cavalo torto é o zarelho ou cego de um ôlho. Tais cavalos sempre ficam desconfiados junto às porteiras porque, se são vesgos, vêm a porteira com um ôlho e a cêrca com o outro. Se cegos de um, só vêem parte e não sabem, por isso, onde me-

ter-se. Ficam duvidando da verdade e desconfiam, param e custam a entrar, a tomar rumo de nôvo. Há muita gente neste mundo, que não é zarolha, mas desconfia de tudo como cavalo torto em porteira, porque tais pessoas são tortas de consciência ou de caráter e tudo vêem mal, zarolhamente, e desconfiam.

Alegre como castelhano a meia guampa — A meia guampa: borracho mas ainda capaz de discernir as coisas. O gaúcho gosta de carregar consigo, nas tropiadas e viajadas, uma guampa bem preparada e ajazada, com tampa especial, cheia de aguardente. Há guampas pequenas e há guampas grandes, além das médias, as mais usadas. Nas pequenas, caberá mais ou menos uma garrafa de canha. Nas médias, uma e meia a duas. As grandes, com capacidade para três a cinco garrafas, são mais usadas nos galpões, para o trago de guampa, nas rodas de chimarrão. Assim, quando a guampa está pela metade, os efeitos vão se fazendo sentir. O gaúcho brasileiro, meio embriagado, ou fica triste ou valente, ou conversador. O castelhano, de modo geral, fica alegre. Canta e ri por tudo, com e sem motivo. Alegrias sem razão de ser. Há muita gente assim...

Brabo que nem manga de pedra — Chuva de pedras, granizo. A chuva de pedras castiga bastante as pessoas que apanha pelo caminho. As pessoas e os animais, bem como a lavoura, onde tudo estraga. Diz-se das pessoas e animais, principalmente das pessoas que, quando se enfurecem, perdem o contrôlo e castigam a torto e a direito sem pensar no que fazem ou dizem.

Fechado que nem porteira de invernada — A porteira de invernada é a que melhor se fecha para que o gado invernado não possa fugir em busca da querência. Geralmente as "invernadas" são terras boas, férteis, com bom capim e bons abrigos e aguada farta, que os proprietários arrendam. Não se abrem a não ser para o dono dos animais. Assim há muita gente: absolutamente fechada, calada, que só se manifesta a seus íntimos ou... superiores ou pessoas de que podem carecer. Só falam quando preciso e com razão. Por isso, gente calada também infunde respeito. Respeito e, às vêzes, receio e medo. "Águas paradas são fundas..."

Grudado como carrapato em anca de vaca — Aplica-se às pessoas que se não afastam umas das outras, por amizade, bajulação, etc. Aos "guarda-costas" e, também, aos namorados que andam demasiadamente juntos. Nas carreiras, emprega-se para dizer que dois dos parceiros correm muito

parinhos ou muito juntos, procurando atralhar um ao outro.

Gorducho que nem carrapato na picanha de boi gordo — Aplica-se às pessoas gordas em excesso, e que não trabalham para se alimentar. Também aos animais muito gordos.

Branco como aipim (mandioca) descascado — A expressão é clara e se aplica às pessoas muito pálidas ou que empalidecem de susto, de medo ou raiva. Igualmente às coisas muito alvas.

Atirado como capataz de estância grande — O capataz de estância grande, com muitos ajudantes, auxiliares e agregados, geralmente nada faz, somente manda. Passa vida folgada e regalada. Daí a comparação que se aplica a todos quantos levam vida folgada, "sombra e água fresca"...

Bochechudo como sapo-cantor — "Sapo-cantor" talvez seja o *Bufo acqua*, mas significa, de modo especial, sapo coaxando. O sapo coaxa, incha duplicando, quase, seu tamanho. Fica bochechudo. Diz-se das pessoas gordas demais, com rosto muito redondo. Em sentido figurado, das pessoas que ficam convencidas com elogios, merecidos ou não.

Crescido como abóbora (abóbora: gerimú ou gerimum) plantada em beira de mangueira; crescido como abóbora em costa de mangueira — A beira, ou costa da mangueira (curral) possui terra bastante fôfa e muito adubada pelo esterco (estrupe) que nela se acumula. A abóbora ali plantada desenvolve-se extraordinariamente e quase que repentinamente. Diz-se das pessoas, animais ou plantas que se desenvolvem com rapidez ou que estão muito desenvolvidos, crescidos. Também usado pejorativamente, em sentido figurado, aplicando a comparação a pessoas, plantas ou animais que não desenvolvem, que ficam anãos. Sarcásticamente, a fortunas que surgem de um dia para outro. A dinheiro que em certas mãos dá cria como lebre de campo: de seis em seis meses uma barrigada...

Apertado que nem cincha de bagual — No bagual a cincha deve sempre estar bem apertada a fim de evitar surpresas. Cincha frouxa em bagual, é tombo na certa. Tem variadíssima aplicação, desde o trabalho ao vestuário, e da casa aos meios e modos de vida.

Cheio como açude no mês de agosto — Em agosto, com as chuvas de julho e as do princípio do mês, os açudes, no geral, ficam cheios, transbordando não raro. Aplica-se às pessoas convencidas, enfatuadas, cheias de si, e igualmente aos endinheirados. Também a pessoas e animais gordos ou muito grossos.

Torcido como fumo em corda (ou fumo em rama) — É clara a expressão, que se aplica a tudo quanto foge ao natural, até mesmo às pessoas que, ao falar, fazem voltas, circunlóquios, para chegar onde pretendem. Também a cipós e árvores retorcidas, etc.

Comprido que nem xingada de gago — Aplica-se para qualificar tudo quanto é demasiadamente longo e maçante: conversas, visitas, discursos, festas, danças, músicas, etc. e, igualmente, para designar estradas que parecem não ter fim. A comparação provém do fato de, quando o gago se enfurece, mais gago ficar e, portanto, mais tempo levar para dizer os desaforos que deseja.

Duro que nem presilha de laço nôvo — Presilha (alça terminal do laço, provida de botão de couro que serve para prendê-lo no cinchador), quando nova é sempre dura e difícil de prender. Só com o uso é que fica sovada e de fácil manejo. Diz-se de pessoa sem coração, de coisas, principalmente comestíveis (pão, doces, carne, etc.) muito duros. Também a cama pode ser dura que nem presilha de laço nôvo. E igualmente os olhos ou a expressão de alguém... O assento das cadeiras, do banco... a própria vida...

Duro que nem cerne de coronilha — Tem a mesma significação e mais a de resistência, durabilidade, pois a "coronilha" (*Scutia buxifolia* Reiss) é de extrema resistência e, por isso, muito usada para moirões e postes, se já madura. A respeito comunicou-nos em carta o sr. Almiro Lima Piúma, de Jaguarão: "Quando esta madeira tem cerne, o tempo vai roendo o moirão na parte que fica à flor da terra, mas, quando toca no cerne, a coisa muda de figura: o moirão não afrouxa mais, fica firme para o resto da vida da gente, embora quase degolado". O cerne da coronilha é eterno, pode-se dizer, pois acreditam que resista mais de um século cravado no chão.

Sério como tamanco — O tamanco, pela sua sobriedade na confecção, deselegância e rusticidade, dá impressão de sudez, de seriedade absoluta, embora seja barulhento, o que também acontece com certos "sérios"... desde que não sejam cuidados. Aplica-se às pessoas que, em certas ocasiões, e geralmente por cálculo, não tigem nem mugem...

Liso como barriga de sapo — Tem uso real e figurado: Estar liso como barriga de sapo: sem dinheiro. Ter a pele lisa como barriga de sapo... Estar com os pés lisos como barriga de sapo: doidinho por dançar. Estrada muito lisa, perigosa para cavalos, autos, etc. Sala muito "ensebada", isto é, encerada demais... E semelhantes.

Grosso como sovêu de charqueada — O sovêu é um laço grosseiro, feito de tiras de couro apenas torcidas. É de uso quase exclusivo das charqueadas para levantar os fardos de charque. São, no geral, muito grossos. Tem a mesma aplicação de **Grosso como cabeça de tronqueira**, **Grosso que nem garrão de negro** e outros, antes citados.

Boleado como égua matreira em coxilha — Bolear: atirar-se para o lado. A égua matreira, fugindo numa coxilha, inclina-se bem para um lado, boleia-se, ficando ora de cola alçada, ora de cola sôbre o lombo. Usa-se para designar pessoas que gingam ao caminhar, ou por natural, ou por terem bebido demais. Para o uso de chapéu pôsto meio de lado: ... chapéu boleado como égua matreira em coxilha... Também com relação a pessoas que costumam desdizer-se, ou contornam a conversa, boleando-se que nem égua matreira em coxilha, para fugir do assunto.

Estaqueado que nem cusco em canoa — Cachorro em canoa, de modo geral, principalmente o cachorro vulgar, deita-se no fundo da canoa e fica como se estivesse estaqueado, duro e quieto. Diz-se de pessoas ou animais que, ao se deitarem, ficam como se estivessem estaqueados. Em sentido figurado, de pessoas muito tesas e quietas, que não falam e não se movem para nada. Também de nuvens paradas, estaqueadas no céu que nem cusco em canoa.

Espumoso como apôjo de brasina — O apôjo sempre é espumoso. Mas há a crença de que o apôjo de vaca brasina (nome de pêlo de bovino e canino, vermelho com listas pretas ou carregadas, como que tismadas) é sempre mais saboroso, mais espumoso e mais gordo. Dizem, também, que a vaca brasina é mais violenta em seus ataques. A brasina tem história especial na voz do povo campeiro, do gaúcho. Diz-se de tudo que é bom. O chimarrão, quando excelente e espuma quando se põe a água na cuia, é espumoso como apôjo de brasina...

Liso e seboso como cabelo de negro em noite de baile — Com a aplicação de graxas, óleos e cheiros (perfumes) baratos no geral, o cabelo engruvinhado do negro torna-se liso e seboso, brilhante de gordura. Esta trova, recolhida na fronteira, diz da vaidade do negro de cabelo engraxado e cheiroso:

Botei um xiripá nôvo,
graxa e cheiro nas melenas,
toquei ao rumo do povo
pra disfarçar minhas penas. (Conf. Lauro Rodrigues).

Aplica-se a tudo quanto tem aspeto liso e gorduroso e, em sentido figurado, aos aduladores, sempre maneirosos, e a certos políticos de aparência brilhante, mas que, na realidade, são lisos e gordurosos como cabelo de negro em noite de baile, quando, em comícios, procuram agradar o povo para caçar votos.

Sacudido que nem mondongo em bôca de porco — O porco quando pega um mondongo (bucha de boi), custa a tirar-lhe um pedaço e, por isso, o sacode de um lado para outro, quase sempre violentamente. Aplica-se às pessoas que se sacodem muito quando caminham ou falam, e também ao trote de certos cavalos mal amestrados. Igualmente aos que gesticulam demais e, de modo figurado, às pessoas que muito se movimentam, não perdendo tempo, para ganharem a vida, ou aumentarem seus bens.

Feio como a necessidade — Necessidade empregado no sentido de miséria, pobreza extrema. Assim como a necessidade há muita coisa feia, inclusive... pessoas, ferimentos, atitudes...

Faceira que nem môça de vestido nôvo — Usa-se no sentido exato da comparação e também para indicar pessoas faceiras, empertigadas, e a quantos se mostrem alegres e satisfeitos, faceiros da vida. Aplica-se, igualmente, para indicar o garbo, a faceirice dos cavaleiros, sobretudo dos de uso pessoal, sempre bem tratados e cuidados.

Falso que nem idade de mulher — Aplica-se a tudo quanto não é verdadeiro, autêntico ou legítimo e, igualmente, a pessoas sem caráter, traiçoeiras, falsas para com o próximo. Também certos cavalos de aparência agradável e mansa, são falsos como idade de mulher: logo que sentem o pêso da pessoa no lombo, corcoveiam.

Sem jeito que nem môça fazendo renda (ou croché) em baile — Fazer renda ou croché em baile é não dançar. Aplica-se a todo indivíduo desajeitado, encabulado, envergonhado, tal como as môças, em bailes, que ficam a noite tôda esperando... esperando... sem que ninguém as tire para dançar. Também tem aplicação para animais, sobretudo cavaleiros.

Bonito que nem laranja de amostra — As laranjas de amostra são sempre as mais bonitas. Aplica-se a tudo quanto é realmente bonito, mas principalmente ao que é bonito só na aparência.

Gordo que nem boi pra exposição — Os bois para exposições são sempre especialmente tratados e cuidados. Tem

muita aparência. Como as laranjas de amostra e outras semelhantes. Tem a mesma aplicação do anterior e, mais, para designar pessoa ou animal muito tratado, cuidado e que não precisa pensar muito na vida. Há nessas comparações sempre uma ponta de ironia.

Manhoso que nem vaca que esconde o leite — A vaca, quando excitada ou quando pessoa estranha a quer ordenhar, esconde o leite, manhosamente. Esse tipo de vaca não deve ser confundido com o denominado "vaca dureira". Esta não esconde o leite, mas tem o orifício das têtas tão reduzido que o leite só pode ser extraído aos pouquinhos, dada a força que requer do ordenhador. Entretanto, a cria mama à vontade e, em consequência, está sempre gorda. Por isso ouvimos, em Bagé, a comparação: **Gordo que nem terneiro de vaca dureira**. A primeira comparação aplica-se às pessoas que usam subterfúgios para tudo e dos animais, sobretudo cavalos, com manhas e sestros que sòmente ao lidar-se com êles, se descobrem. Também se aplica às pessoas que nunca se revelam integralmente. Nesse sentido, aliás, também se aplica o segundo, por ainda viver folgadoamente, aparentando falta de tempo e excesso de serviço. Usa-se igualmente para representar pessoas gordas, bem dispostas, sem que se saiba de onde e como conseguem o suficiente para a vida que levam e o estadão que apresentam.

Mais afobado que cusco em dia de marcação — O dia de marcação, nas estâncias, é o mais agitado e movimentado. Os cães, nesses dias, ficam extremamente excitados e inquietos. Procuram atender a tudo e estar em tôda parte, atrapalhando-se por entre as patas dos cavalos e mesmo por entre os homens, e as patas dos animais a serem marcados. E assim muitas vezes atrapalham a própria peonada. Aplica-se às pessoas que pretendem fazer tudo ao mesmo tempo e que se agitam e movimentam constante e inútilmente, para dizer que trabalham. Também às que muito se movimentam e não sabem, ao final, o que fazer. Igualmente a todos quantos, com excesso de trabalho ou ocupações, se atrapalham, não sabendo, muitas vezes, por onde começar.

Bonzinho como deputado em comício — Em viagem de regresso de Santiago para Pôrto Alegre, ouvimos esta comparação da bôca de um cidadão, ao que parece estancieiro, que conversava com outro no banco em nossa frente, sôbre política e personalidades da terra. A certa altura citaram o nome de determinado cidadão ao qual não negaram qualidades. "Muito boa pessoa — disse um dêles — "mas... promete demais e não cumpre". Ao que o outro retrucou: "Realmen-

te: é bonzinho como deputado em comício". Não a ouvimos mais, o que nos faz presumir que tenha sido criação do estancieiro, no momento. Em todo caso, é significativa e encerra uma grande verdade...

Atropelador que nem pulga de tapera — Pulga de tapera não tem do que se alimentar. Por isso quando algum vivente entra numa tapera pulguenta — que Deus o acuda! — em segundos está coberto do irritante *pulex*. Por isso quando alguém, homem ou animal, costuma atropelar o próximo, seja pelo que fôr, aplicam-lhe a comparação. Os caçadores de votos são, no geral, atropeladores que nem pulgas de tapera.

Mais velho que andar a pé — O homem anda a pé desde sua criação no ambiente terrestre. Logo, para o homem, nada existe mais velho do que andar a pé. Por isso o gaúcho, quando lhe contam algum "causo" muito antigo e conhecido, ou lhe apresentam coisas velhas como novidades, declara, sem mais, que aquilo é mais velho que andar a pé... como a maioria das comparações que aqui apresentamos... Pelo menos, para o gaúcho.

Sujo que nem bôca de mascador de fumo — O gaúcho não mascara fumo. Pita o palheiro, cigarro crioulo também conhecido por "baio" devido à côr da palha.

"Pita um palheiro e verás
como tua alma se expande:
o crioulo é cousa grande
em qualquer parte que estejas,
porque tôda a vez que o beijas,
beijará, nêle, o Rio Grande". (Amândio Bicca).

O palheiro é o grande vício do gaúcho. Raríssimo é aquêle que não carregue sempre consigo os avios de pitar: fumo em rama, palha de milho inteira ou já cortada, faca e isqueiro. Mas o vício de mascar fumo também existe, sobretudo entre velhos peões, a quem a falta de tempo para preparar o cigarro impôs o vício, e entre velhas chinocas, sobretudo lavadeiras de beira de rio que, não tendo com quem conversar, se distraíam mascarando fumo. Ora, êsse vício deixa sempre suja a bôca do mascador, escura pelo sarro e nicotina, fixando-se, não raro pelos cantos da bôca chegando as criaturas a tornar-se repugnantes. Por isso, quando alguém usa e abusa de palavras indecentes ou licenciosas ou simplesmente sujas, ou mesmo quando alguma casa ou objeto está muito sujo, aplicam a comparação: "A casa de Fulano é suja que nem bôca de mascador de fumo". "Fulano é sujo, quando fala, que nem bôca de mascador de fumo".

Mais assanhado que solteirona em festa de casamento — É espetáculo de todo conhecido... pois nunca falta uma solteirona ao menos, em festa de casamento... A tôda a pessoa que se quer salientar demais, aplica-se a comparação.

Mais feio do que cavalo de gringo — Ouvimos em São Gabriel com referência a um cidadão mal montado: cavalo magro e aperos mal colocados, além de conterem peças em excesso. O "gringo" que naquela zona é todo o estrangeiro, ou de origem, mas que mal fala o português, ou é agricultor que não conhece a arte campeira ou vendedor ambulante, ou mascate a cavalo. Chegam a usar cobertores em lugar dos pelegos! E depois o cavalo magro, sujo e maltratado, completa o péssimo aspeto do conjunto. Aplicam a comparação a tudo quanto é feio ou desajeitado com tendências para o ridículo.

Tranqueia bonito que nem potranca buena — Certo dia, estando na porta do "rancho" do C.T.G. Caiboaté (rancho que, por sinal, é uma bela casa no centro da cidade, doada pelo Sr. Rolino L. Vieira ao Centro de Tradições), passava pela calçada fronteira uma môça tôda melindrosa no pisar. Um dos presentes, ao vê-la, saiu-se com a comparação que, disseram-nos, era popular em tôda região de criadores.

Pior que chocolateira de tropeiro: esquenta em qualquer foguinho de bosta — A chocolateira é um tipo de caneca de fundo côncavo e afunilada para cima, com tampa. É, geralmente, de fôlha de flandres ou zinco. É a chaleira do tropeiro devido à facilidade com que esquenta a água. Qualquer foguinho, mesmo feito com excremento de bois ou cavalos, aquece logo a água. É popular em tôda a zona fronteira do Rio Grande do Sul; em São Gabriel a ouvimos aplicada a um sujeito que por qualquer coisa explodia. É, pois, circunlóquio para designar o sujeito explosivo, o "esquentado" que quer brigar por qualquer coisa.

Cantar feio como galo torto — É que o galo torto (cego de um ôlho) quando canta espicha o pescoço e entorta a cabeça para o lado do ôlho bom, ficando numa posição ridícula. É muito comum, pelo interior do Rio Grande do Sul, cantores e trovadores que ficam ridículos pelos trejeitos que fazem, sobretudo entortando a bôca e a cabeça. Estes, realmente, cantam feio como galo torto... Mas a comparação também é aplicada a pessoas que arrotam grandeza e valentia só para impressionar, para ver se metem mêdo. Falando, cantam feio como galo torto, mas que os coma quem os não conhece...

Camarada como boi de canga — O boi de canga é sumamente manso e dêle se faz o que se quer. Atende sempre. No geral, mesmo estando sôlto no campo, basta chamá-lo pelo nome. Apresenta-se e vai, direitinho, colocar o pescoço sob o jugo. Aplica-se às pessoas muito camaradas, que atendem a tudo e estão sempre dispostas a ajudar e trabalhar pelos amigos e conhecidos. Mas também a aplicam a pessoas que se deixam levar facilmente e são como que escravas de outrem. O marido governado pela mulher, é camarada como boi de canga...

Rengo que nem cusco velho em dia de geada - Cusco velho: cachorro idoso. Sempre que cai geada, os cachorros de idade sofrem e, parece, o reumatismo os castiga, deixando-os rengos, capengueando. Diz-se das pessoas ou animais que claudicam ao caminhar. Também de pessoa que, para trabalhar, sempre necessita de auxílio, sobretudo quando quer fazer algo melhor: "Fulano, pra trabalhar, é rengo que nem cusco velho em dia de geada".

Teimoso que nem burro empacador — Diz Aluísio de Almeida (Cônego Luiz Castanho de Almeida) em carta que nos dirigiu que "empacador vem de paca, pois a paca é que empaca de braba e morre se preciso, grudada numa raiz no fundo dos rios para não se entregar". O burro empacador, nem a pauladas vai avante. Não há "tira-teimas" que o faça avançar. Usa-se para qualificar pessoas muito teimosas ou animais renitentes.

Fedorento que nem ninho de urubu (ou corvo) — É muito comum darem ao nosso urubu o nome de corvo que não existe entre nós. O corvo é ave carnívora, européia de plumagem bem preta (*Corvus corax*), sendo, talvez, seu correspondente, no Brasil, a gralha. O urubu, entretanto, é nosso, é o *Cathartes foetens*, que se alimenta de carniça, havendo diversos tipos da mesma família. O ninho do urubu é horrivelmente mal cheiroso. Diz-se de tudo quanto tem mau cheiro, inclusive de pessoas sujas e descuidadas. Ou perfumadas demais.

Arrodeando que nem burro de olaria — Nas antigas olarias o barro era amassado dentro de um caldeirão de madeira cuja mó era movida por um burro, ou cavalo, ou boi, que sempre andava à roda, movendo-a por meio de haste presa ao pescoço do animal. Diz-se das pessoas que para pedir algo ou contar alguma coisa, ou fazer algum relato, rodeiam, rodeiam em tórno do assunto até chegarem, afinal, ao termo Pessoa prolixa no falar. Aplica-se, igualmente, às pessoas que andam de um lugar para outro sem saber o que fazer, ou de

louco ou pessoa que se aborreceu e que anda, apàticamente, ou gesticulando, de um lado para outro, arrodeando quem burro de olaria.

Magro que nem rato de igreja — Rato de igreja dificilmente encontra o que comer... Diz-se de pessoas ou animais muito magros e esfomeados.

Lerdo que nem mula guaxa — Mula guaxa é a que foi criada sem mãe, tratada a mamadeira, guaxamente, e sempre em contato com as pessoas. Torna-se, por isso, preguiçosa, lerda, e super-mansa. Aplica-se para designar pessoas de pouca valia social, preguiçosas ou vagarosas no trabalho e no caminhar. Nunca têm pressa. Aplica-se também aos cavalos lerdos, por velhos ou mansos demais, como certos petiços que só servem para carregar a pipa com água da fonte a casa.

Curto que nem coice de porco — O porco tem as pernas curtas. Seu coice, pois, atinge extensão mínima, insignificante e... sem probabilidade de ferir, mesmo atingindo a quem estiver junto dêle. Designam-se com esta comparação as pessoas de pouco tino, curtas de inteligência, e no jôgo às paradas ínfimas. Também a tudo quanto é pequeno e insignificante.

Cego que nem porco em saco — Podia também ser qualquer outro animal de pequeno porte carregado em saco. Mas acontece que o porco, além de não ver, grunhe desesperadamente. Com êle querem designar pessoas que muito gritam, muito se manifestam, muito palpite dão mas... nada vêem. Há muito deputado e vereador assim... E muitos políticos... cegos que nem porco em saco.

Bater que nem cincerro em pescoço de égua madrinha — A égua madrinha sempre leva ao pescoço uma sinêta ou cincerro, de modo que, caminhando ou pastando, indica onde está. Diz Luiz Carlos de Moraes (*Vocabulário Sul-Rio-grandense*): "A égua madrinha representa um papel importante na vida em família dos cavaleiros. É ela, como que a mãe de todos os de seu clã. Por onde segue, vemo-la acompanhada do seu cortêjo. Escolhe-se sempre, para o desempenho do elevado mister uma égua já idosa e sisuda, que não mais se preste a outros trabalhos". Em sentido figurado chama-se de égua madrinha ao sujeito que procura cercar-se de pessoas a quem possa mostrar-se superior e aconselhar. Diz-se de pessoa que gosta de mostrar-se fazendo ruídos, a fim de chamar a atenção sôbre si. Também de pessoas insistentes cacêtes, de ruídos contínuos e aborrecidos, substituindo, nesses casos o que, em linguagem comum, se diz "martelar".

Há muita gente que costuma bater a sinêta para reunir gente em seu redor: é como que a égua madrinha de sua vaidade batendo o cincerro da nulidade intelectual...

Mais doce que macaxim — Comparação que ouvimos em Bagé, e assim explicada a nós, na ocasião, pelo dr. Félix Conreiras Rodrigues, ilustre historiador e sociólogo, falecido em 1960: "Macaxim é o nome que dão à batatinha do trevo branco do campo. É sumamente adocicada. Este trevo e mais o rosa, que superabundam nos campos bagêenses, indicam inverno frio e úmido (chuvoso). Quando existe em maior abundância o de flor amarela, significa inverno frio e seco, com geadas. A expressão, comum em Bagé e lugares onde o macaxim existe, é empregada para designar coisa muito doce, doce demais, e, ainda, conforme os gostos, para indicar coisa muito boa, agradável". Estas explicações foram confirmadas por outras pessoas e pela trova seguinte, que fôra recolhida pelo Dr. Eurico Salis:

Por que me fazes sofrer,
por que me trata assim,
se são teus lábios, morena,
mais doces que o macaxim?...

Quente que nem frigideira (ou panela) sem cabo — Diz-se, de modo geral, de tudo quanto aborrece, como o calor excessivo, por exemplo. De discussões acaloradas; de festas ou carreiras com brigas; de situações políticas. É o substituto gaúcho do popular "tempo quente". Usam-se também no sentido exato, por exemplo, quando alguém agarra algo muito quente e se queima: "A marca estava quente que nem frigideira sem cabo". "O baile virou bochincho grosso e quente que nem frigideira sem cabo".

Atirado que nem rebenque de velho — Pessoa muito velha já dificilmente monta, ficando, por isso, o rebenque abandonado, atirado. Diz-se de coisas ou pessoas abandonadas.

Atirado que nem rebenque velho — Rebenque inutilizado, joga-se fora ou se deixa abandonado num canto para servir em caso especial, de emergência. Tem o mesmo emprêgo da comparação anterior e, mais, para designar pessoas que se atiram na vida, que se entregam à bebida e vivem embriagadas, sem eira nem beira.

Ser como alpargata de gringo que não tem lado e serve pra qualquer pé — É frase muito usada para designar políticos ou pessoas que mudam de partido, ou posição, ou trabalho, ou não sabem o que querem ou pretendem. "Fulano para o trabalho é que nem alpargata de gringo que não tem

lado e serve pra qualquer pé". "Politicamente, Fulano é como alpargata de gringo... etc".

Churrasco sem chimarrão é como laço sem argola — O gaúcho nunca dispensa o chimarrão que é obrigatório antes e depois do churrasco. Daí a comparação que quer dizer que a coisa só é boa, quando completa.

Trovejar que nem tropa peidando em sêco — Esta comparação é típica de tropeiros que passam dias e noites levando tropas de um lugar para outro. Verificaram, assim, que muitas vezes troveja muito, o dia escurece, mas não chove. As tropas, sobretudo de bovinos, ou pelo longo trajeto, cansaço, má alimentação ou por algum capim que comeram, ficam seguidamente com gases que, ao caminhar, não raro vint e trinta ou mais, ao mesmo tempo, expelem com grandes ruídos. Nasceu disso a comparação que empregam para definir o indivíduo que muito grita, muito gesticula, muito promete, mas nada faz de positivo. É só aparência de valentia, de atividade, de grande trabalhador, de prestimoso. Na realidade, porém, é um nulo: "Troveja que nem tropa peidando em sêco..."

Existem muitas comparações que, pela crueza das palavras chegam a ser pornográficas, sobretudo pela gíria que empregam. Certa ocasião, no interior do Rio Grande do Sul, num bolicho, entraram, boquiabertas, às gargalhadas, duas senhoras de meia-idade, bastante feias. A um canto, um peão de estância, tomava seu trago. Ao vê-las, sussurrou para o companheiro ao lado:

— Olha ali! **Arreganhadas como "coisa" de vaca parindo**. . . (A palavra empregada onde colocamos "coisa", foi outra, de pura gíria). De indagação em indagação, verificamos que seu uso não é dos mais populares, tendo encontrado outra que substitui "vaca" por "égua", e a palavra de gíria por outra igualmente de gíria, talvez mais crua ainda.

Quieto como mosquito em parede — Aplica-se às pessoas que não falam e ficam horas e horas no mesmo lugar, sem mover-se. Aos rapazes que vão a bailes e não dançam, ficando parados pelos cantos. As pessoas quietas, mas mal intencionadas, quietas por cálculo. Igualmente aos animais que costumam ficar parados no campo, sobretudo aos bovinos que permanecem longo tempo no mesmo ponto, ruminando calmamente. Também aos bovinos e cavaleiros, quando se reúnem em dia de temporal como para defenderem-se mutuamente. Nessas ocasiões ficam quietos como mosquito em parede, quer no alto das coxilhas, quer na beira do mato ou embaixo de algum umbu ou figueira brava.

Vermelho que nem pitanga — Pitanga, fruto da *Eugênia uniflora*, família das mirtáceas, tem três colorações: verde a princípio, vermelha quando quase madura e arrocheada quando bem madura. O sumo, entretanto, é vermelho, e deixa vermelhos os dedos que as esmagam. Diz-se dos lábios das chinocas e prendas e também de quem fica ruborizado, encabulado, ou furioso, pois há os que se ruborizam de raiva. Emprega-se, igualmente, para definir inflamação ou machucadura nos olhos, que os torne vermelhos, sangüíneos. E, mesmo, para definir a côr de um vestido, por exemplo, pois o vermelho da pitanga quando quase madura, é brilhante e agradável à vista.

Estalando que nem espinilho no fogo — Espinilho (*Acacia Cavania Hook*) é uma árvore que possui flor amarela muito estimada pelas abelhas e dá lenha muito boa, mas barulhenta, mesmo sêca. Fogo de espinilho estaleja constantemente. Diz-se de pessoas que explodem por qualquer coisa, que sempre falam gritando, ou muito alto, e também de peças novas do vestuário, principalmente se engomadas. Em sentido figurado é diversamente empregado.

Calmo como vôo de urubu em tarde de verão (outros dizem corvo. Veja a comparação "fedorento que nem ninho de urubu") — O vôo do urubu nas tardes de verão é muito sereno. Até parece que nem move as asas. Aplica-se para definir pessoa muito calma, ponderada, que não se afoba ou atrapalha facilmente; e, também, a cavalo calmo e que marcha ou galopa serenamente. Em 1923, durante a revolução, houve pequeno período de aparente grande calma, parecendo que os contendores, borgistas e assististas, se haviam retirado para seus cantos e não mais iriam lutar. Nessa ocasião ouvimos pela primeira vez a comparação: "Está tudo calmo nas coxilhas do pago, como vôo de urubu em tarde de verão". Aliás, a calma do vôo do urubu, nessas ocasiões, prende-se à espionagem, procura de carniça. A comparação, portanto, naquela ocasião, ia a calhar, pois a calma dos contendores era preparativo para grandes ataques.

NOTA DO AUTOR: Grande parte das comparações aqui apresentadas, foi publicada por nós, na secção "Baú de Estância" que mantivemos e ainda mantemos, se bem esporadicamente, no "Jornal do Dia", de Porto Alegre. Se, algum dia encontrarmos editor, nosso "Baú de Estância", que contém de tudo um pouco, será dado a lume